

Espiando pela frestaEstevão **ARMADA**¹

No desenrolar da trama de *O ano que meus pais saíram de férias* percebemos a transfiguração do aspecto político e o surgimento da percepção de Mauro acerca da figura feminina, que deixa de ser exclusivamente materna. Numa época diferente da



atual, quando o controle sobre as pessoas era exercido de forma rígida, Mauro tem acesso a uma visão impossível para muitos meninos de sua idade.

Em um dia de muito tédio, ele resolve seguir Hannah, sua primeira amiga dentro do círculo social em que fora inserido forçosamente. A menina que inicia os laços de amizade com Mauro é filha de uma proprietária de loja de roupas nas proximidades do prédio onde mora. Aproveitando-se do trabalho de sua mãe, Hannah mediante pagamento adiantado, permitia o acesso dos meninos do bairro aos fundos da loja, onde havia um buraco na parede que possibilitava a visão do provador feminino. O orifício na parede tornou-se alvo de olhares extremamente ansiosos.

Freud considera o olhar passível de sofrer estímulos de cunho sexual quando posto em situações de contato com algo atrativo para o observador.

O olho, talvez o ponto mais afastado do objeto sexual, é o que com mais frequência pode ser estimulado, na situação de cortejar um objeto, pela qualidade peculiar cuja causa no objeto sexual costuma ser chamada de 'beleza' (FREUD, p. 198).

¹ Graduando em Ciências Sociais pela FFC/UNESP, participa do Grupo de Pesquisa em Cinema e Literatura.

No momento de espiarem as mulheres no provador, vemos a grande expectativa de Mauro e dos outros garotos. Eles disputavam para decidir quem iria olhar primeiro e se mostravam paralisados quando a situação esperada se concretizava. As sensações dos meninos, na posição de *voyeur*, revelam o âmbito da descoberta pueril do objeto do desejo de caráter sexual. Este entusiasmo nos faz lembrar as constatações de Bentinho no romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, quando o personagem da obra literária adquire consciência da paixão sente por Capitu e vê-se tomado de uma sensação de êxtase:

E as minhas pernas andavam, desandavam, estacavam, trêmulas e crente de abarcar o mundo. Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria, nunca mais me esqueceu, nem achei que fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie. Naturalmente por ser minha. Naturalmente também por ser a primeira (ASSIS, p. 35).

Naqueles rápidos intervalos de tempo em que os olhares concentravam-se na fresta do provador de roupas feminino deduzimos que foram suscitadas inúmeras expectativas. As “espiadelas” pelo buraco na parede não foram o único motivo do surgimento de sua percepção diferenciada da figura feminina: temos sua relação com Hannah e sua admiração por Irene.

A primeira reação de Mauro com Hannah é de estranhamento. Ela não apresenta semelhança com o aspecto maternal com que ele tinha tido contato mais intensamente. Ao contrário, Hannah caracteriza-se por uma autonomia até certo ponto inusitada para sua idade, além de ser figura central no grupo dos meninos, parecendo liderá-los em certos momentos do filme. A precocidade de Hannah fica explícita na cobrança dos garotos pela possibilidade de espiarem no buraco na parede. Ela sabe o que querem os meninos e os manipula por conta disso. Ela atrapalha a observação de Mauro pelo quando a figura feminina mais admirada pelos garotos do bairro se utiliza do provador. Mas, após o estranhamento inicial, Mauro e



Hannah criam um vínculo consolidado de amizade.

Acrescentando outra personagem do universo feminino que carrega novos significados para o protagonista do filme, não podemos esquecer da bela Irene. A moça que trabalha numa lanchonete do bairro, ocupa o imaginário dos meninos com os quais Mauro convive. Também para ele, Irene torna-se uma musa platônica.

O cuidado de Irene em levá-lo de volta para a casa do avô quando Mauro não encontra o caminho de volta, é usado por ele para se distinguir entre os meninos. Nessa cena Hannah intervém dizendo que a moça tem idade para ser sua mãe.

A vivência de Mauro nos remete à construção do seu papel social como homem. Vemos isso na situação em que ele tenta se sobressair aos outros garotos, utilizando-se da ajuda de Irene que entre eles é considerada o modelo de mulher bonita. Também encontramos outro exemplo no estranhamento com Hannah, já que em certa idade, meninos e meninas são considerados opostos.

No homem, o olhar é mais estimulado, socialmente construído. O filme ilustra essa afirmação, na cena em que Hannah entra no apartamento do avô de Mauro e o garoto, surpreendido, esconde algumas *pin ups* que via. Maria Luiza Heilborn fundamenta nossa análise com a seguinte constatação:

A cultura (em sentido lato) é a responsável pela transformação dos corpos em entidades sexuadas e socializadas, por intermédio de redes de significação que abarcam categorizações de gênero, de orientação sexual, de escolha de parceiros. Valores e práticas sociais modelam, orientam e esculpem desejos e modos de viver a sexualidade, dando origem a carreiras sexuais, amorosas (HEILBORN, p. 40).

Concluindo, lembremos que a transformação dos corpos em entidades sexuadas e socializadas citadas acima, está presente nos espectadores do filme. Durante a exibição, mesmo com o desenvolvimento da “paixão” de Mauro por Irene, criamos outras expectativas para o garoto. Surge a ansiedade dos espectadores, para que em algum momento ocorra um flerte entre ele e Hannah, uma vez em alguns momentos o filme insinua essa possibilidade. Isso mostra nossa orientação em desenvolver um modo de viver a sexualidade construindo relações amorosas adequadas a nossa cultura permeada de significações e considerações de gênero.

Bibliografia

ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. São Paulo, 1997. Klick Editora.

FREUD, Sigmund, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Rio de Janeiro. Imago Editora s/d.

HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade in, *Sexualidade – O olhar das ciências sociais*. Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 1999.